



## CRÓNICA

Jacinto Rêgo de Almeida

# A corrupção na Europa

■ No ano passado, a Comissão Europeia divulgou o seu primeiro relatório oficial sobre a corrupção na União Europeia. Os valores foram considerados “assombrosos” pelo comissário responsável pela investigação: a estimativa mais otimista (os valores são sempre difíceis de precisar nas investigações a este respeito) relativamente aos estados-membros atinge 120 mil milhões de euros por ano. A Comissão Europeia não foi objeto de estudo e investigação.

(Estava em Potsdam, a conhecida cidade histórica nos arredores de Berlim, o guia mostrava a sala do Palácio Cecilienhof onde, após a II Guerra Mundial, se reuniram Churchill, Stalin e Harry Truman para decidirem o destino da Europa, depois chegámos às antigas instalações da KGB no tempo da guerra fria onde Putin serviu como jovem agente da polícia política. A dado momento, encontrei um velho conhecido, o senhor X., reformado da Comissão Europeia, “eu também estou de regresso a Berlim e dou-lhe boleia”, disse ele. O seu carro de dois lugares é um assombro, “faz dos zero aos cem quilómetros por hora em quatro segundos e um décimo”, e disse também que tornara-se consultor de empresas privadas “que farejam facilidades para investirem no nosso espaço económico”. “Nosso?”, sussurrei. “Você ainda fuma?”, “Fumo, fumo”, respondi. “Eu deixei de fumar”, mas retirou o isqueiro do carro revestido de madrepérola para me mostrar. E pensei que o isqueiro do carro do senhor X. valia mais do que o meu velho automóvel. E ri-me. “Está-se a rir de quê? O carro é ótimo, não é?”, perguntou-me.) Adiante.

“A Europa está doente”, afirmou o historiador inglês Perry Anderson que refere ainda a “degeneração da democracia em todo o continente, da qual a estrutura da União Europeia é ao mesmo tempo causa e consequência”. Como é que este processo começou? Como é que se chegou a este nível de degradação da democracia?

Tudo começou com a difusão da corrupção pela classe política. A necessidade de dinheiro de fontes obscuras para campanhas eleitorais em troca de favores futuros, ou seja a corrupção pré-eleitoral, depois a obtenção de dinheiro ilegal em contratos firmados por governantes eleitos ou nomeados, o roubo de fundos públicos, a compra de votos de parlamentares, enfim a corrupção pós-eleitoral. Exemplos relativos a dois dos políticos mais poderosos da Europa na sua época: caixa dois de campanha acumulado por Helmut Kohl no valor de dois milhões de marcos, em que foi ocultado o nome dos doadores; e o ex-presidente de França Jacques Chirac condenado por desvio de dinheiro público e abuso de poder depois da perda da imunidade. Ambos não punidos penalmente.

Outros exemplos: o empréstimo de mil milhões de euros concedidos pelo governo Gerhard Schröder à companhia Gazprom para a construção de um oleoduto poucas semanas antes do chanceler alemão deixar o cargo e ser admitido como alto executivo da empresa russa; a renúncia de dois sucessivos presidentes da República da Alemanha, Horst Kohler e Christian Wulff, o primeiro por declarar que o contingente militar alemão no Afeganistão servia para a proteção de interesses económicos no país asiático e o segundo por recebimento de um “empréstimo” duvidoso por parte de uma empresa “amiga”; também antigos importantes ministros do governo Merkel renunciaram aos cargos por acusação de “furto intelectual” nas suas provas de doutoramento; as acusações ao antigo presidente francês Nicolas Sarkozy pelo recebimento de 50 milhões de euros destinados à sua campanha eleitoral por parte do falecido presidente Muammar Kadhafi da Líbia.

“Tenha à mão comprimidos para dormir. Isto vai passar. Seja forte”, aconselhou Tony Blair a Rebekah Brooks, antiga braço direito de Rupert Murdoch (o

magnata da imprensa e dono do News of World) ao recomendar-lhe uma “investigação independente” sobre as acusações de conspiração criminosas, tal como ele tinha feito para ilibar o seu governo de participação na morte de David Kelly (cientista britânico inspetor da ONU no Iraque, que questionou as razões alegadas para a invasão do país). Akis Tsochatzopoulos, antigo ministro grego da Defesa, do Interior e do Desenvolvimento, devido a uma longa carreira de extorsões e lavagem de dinheiro, teve o azar de ter sido condenado a 20 anos de prisão. Luis Barceñas, tesoureiro do Partido Popular de Espanha, do atual primeiro-ministro Mariano Rajoy, também teve o azar de ter sido preso pelas contas não declaradas na Suíça no valor de 48 milhões de euros...

Silvio Berlusconi é um caso à parte. E a Itália também. O país sofre de uma estagnação ininterrupta, tem uma dívida pública de 130% do PIB, mas é um dos seis membros fundadores da Comunidade Europeia, a sua base industrial é a maior do continente excetuando a da Alemanha, os seus títulos do tesouro constituem o terceiro maior mercado de títulos soberanos e tem uma população comparável à da Grã-Bretanha. Pois bem, Berlusconi possuía elevada fortuna antes de chegar à chefia do governo italiano. No poder, dedicou-se a proteger essa fortuna das ações judiciais sobre a forma como a obteve e também a ampliá-la. Il Cavaliere, para se distrair, organizava orgias com mulheres vestidas de enfermeira, polícia e freira na sua vila palaciana em Arcore, nos arredores de Milão, uma delas marroquina com menos de 18 anos, o que enfraqueceu a sua imagem de “estadista” com vitórias eleitorais sucessivas. A péssima imagem que se tinha da sua ação política (e não só) no estrangeiro pouco lhe importava. Finalmente caiu em desgraça e creio que ainda faz trabalho comunitário para se livrar das decisões judiciais a que foi condenado.

O Vaticano também é um caso à parte porque não é a questão política que serve de motor à corrupção. O seu Banco, com menos de 20 mil clientes bastante selecionados, é conhecido pela lavagem de dinheiro e as suas 220 mil paróquias e avultados patrimónios imobiliários espalhadas por todo o mundo têm administrações pouco transparentes. Isto apesar dos esforços do Papa Francisco e da sua palavra de ordem: “pecadores sim, corruptos não”. O que quer dizer que a corrupção não tem perdão nem lugar na Igreja.

A Europa está doente como estamos cansados de saber pelas notícias que nos assaltam todos os dias, a nós portugueses, também sobre a realidade do nosso país. ■